

HALB11: 1951-1953

«WELLINGTON E A GUERRA NACIONAL»

Conferência pelo Sr. Capitão Gastão de Mello de Mattos

(da Academia Portuguesa de História)

A celebridade de Wellington começou em Portugal, e a significação histórica da sua carreira começou a definir-se com a primeira campanha em que teve sob o seu comando tropas portuguesas eficientes.

Importa, desde já, que não queremos, com as palavras anteriores, colocar-nos na falsa posição de muitos autores do século passado, ainda hoje repetida em muitas obras chamadas de vulgarização, e que melhor se denominariam de deformação histórica.

Não vem ao caso perscrutar as razões dessa atitude, que tendia a fazer vitórias portuguesas das batalhas da Guerra Peninsular. Já há perto de um século, um velho combatente daquelas campanhas lembrava que, durante elas, foi sempre auxiliar o papel das nossas tropas.

Intentámos sòmente falar da influência recíproca de Wellington sobre o meio militar português, e do ambiente geral da nação sobre a concepção da guerra do futuro Duque de Ferro. E parece-nos que tal acção se estendeu ainda mais longe, transcendendo ao campo da política geral, quando se lhe ofereceu oportunidade de afirmar as suas ideias acerca do caso português.

É bem de supor que uma impressão de tal forma duradoura proviesse de longos raciocínios sobre a experiência adquirida no período da guerra, uma vez que podemos verificar não ter nascido ela aos primeiros contactos.

Nem outra coisa era de esperar das circunstâncias iniciais. Quando o Tenente-General Artur Wellesley, aos 39 anos, chegou à Península, comandando uma divisão que devia executar con-

tra os franceses as operações preliminares da ofensiva mais importante, vinha certamente muito mal informado sobre o género de guerra que devia encontrar.

O grande entusiasmo que em Inglaterra despertara a batalha de Baylén não deixava avaliar as condições em que ela se travara, nem o valor real das tropas que a ganharam. É provável que se ignorasse serem improvisados aqueles regimentos que conservavam os nomes das tropas regulares: ninguém saberia que os lanceiros da Utrera mais não eram que garrochistas e agora derrubavam homens, como costumavam fazê-lo aos bezerros no campo.

A revolução portuguesa quase só contava insucessos em campanha, e esse facto faria esquecer que ao norte do Douro, na maior parte da Beira, e no Algarve, os franceses não tinham podido manter-se.

Embora, apesar das hesitações do começo, dos retrocessos, e dos inêxitos, os portugueses tivessem conseguido reduzir Junot à ocupação da zona central, e a dois únicos postos de fronteira, por onde esperava poder ser socorrido ou efectuar uma retirada, não era essa circunstância meramente técnica de molde a impressionar longínquas visões de conjunto.

O que devia chegar a Inglaterra eram as notícias das colunas francesas que percorriam vitoriosamente as províncias, embora na sua retaguarda elas tornassem a levantar-se.

A Restauração — é esta a palavra da época — era ainda obra desconexa e nem parecia fácil dar-lhe direcção de conjunto, nem foram animadores os primeiros contactos do general inglês com as autoridades que procuravam organizá-la.

Coloquemo-nos na situação real do momento em que se deu o encontro. De um lado, havia um general de tropas profissionais, tropas com todas as qualidades e todos os defeitos que as caracterizam; do outro, militares mal preparados, porque os oficiais mais estudiosos estavam em grande parte seduzidos pelas ideias políticas que a França espalhara através das sociedades secretas.

Não podemos esquecer que Wellington foi sempre comandante de soldados de muitas nações; na sua última e maior campanha dirigia um exército em que havia ingleses, hanoverianos, holandeses, belgas, brunswiqueses, a par da sua tropa de maior confiança, os mercenários da legião alemã.

A guerra que lhe cumpria dirigir com tais tropas não podia ser mais que uma sucessão de combates regulares; nem os pro-

fissionais se juntava a guerrilheiros, nem era possível desenquadrá-los, sem correr o risco, muitas vezes verificado entre 1809 e 1814, de ver os grupos dispersos transformar-se em quadrilhas, aqueles «dadrões de pé e de cavalo», de que falava século e meio antes Fr. Alexandre da Paixão.

Não tinha Wellington os defeitos dos soldados profissionais, contra os quais se revelou constantemente a sua honestidade, embora as circunstâncias o forçassem muitas vezes a limitar-se a manifestações quase platónicas, como a de mandar para Inglaterra Graham, responsável pelo saque e incêndio de San Sebastián.

Tinha, porém, e em altíssimo grau, as suas qualidades, espírito de disciplina na guerra, brio profissional, conhecimento perfeito do valor das posições, sangue-frio, pertinácia inexcedível, e, além disso, combinava de forma irrepreensível, na batalha, todos estes elementos de êxito. Assim, por exemplo, o incontestável defeito da posição de Buçaco, a falta de profundidade, que conduziria a um desastre no caso de qualquer sucesso local do ataque, não deve ter escapado a Wellington. Tinha, porém, confiança nas tropas, na sua capacidade de resistência em todos os pontos, e até na possibilidade de movimentos laterais sobre a estreita agulha que ocupava.

Dissemos há pouco da forma admirável por que Wellington dirigia a batalha, mas o mesmo não pensamos a seu respeito quando se trata da direcção das campanhas. A concepção operativa é quase sempre fraca; limita-se a procurar o inimigo onde ele está, quando o pode fazer, ou a oferecer-lhe resistência inabalável numa posição que escolheu, mas em suma, abandona ao contrário a direcção das operações, chegando até por isso a cometer erros, como aquele mais célebre de todos, o da véspera de Waterloo, que pôde ter comprometido o sucesso da batalha, e resultou exactamente de se ter deixado subjugar pelo desconhecido projecto de operações inimigo. Factos semelhantes encontramos na Guerra da Península.

Este perfeito general de batalha, pela sua educação e pela sua vida militar raciocinaria, portanto, sobre os dados rigorosos, e, ao tempo, geométricos, dos combates e das operações dos soldados profissionais.

Pelo contrário, a reacção patriótica, dirigida pelos valores tradicionais, o clero e os nobres ligados à terra, sofria de outra ordem de defeitos, indisciplina, personalismo, variabilidade.

Não é por acaso que tantas cartas da época simbolizam a



luta no «nosso Silveira», general com uma única qualidade eminente, o seu extremo ardor combativo.

Este valente soldado, em meados de Junho de 1808, concebía a guerra como devendo ser feita por tropas da qualidade indicada num plano de 15 desse que ele se comprometia a realizar: os famosos Dragões de Chaves, Cavalaria 6, seriam reorganizados, levantar-se-ia de novo um corpo de infantaria de 1.600 homens em que poderiam ser incluídos soldados com baixa, e companhias francas, só pagas quando saíssem da província, que avaliava em dez ou quinze mil homens.

As Juntas do Alentejo e Algarve faziam especial apreço dos contrabandistas e em 1809 muitas vezes as ordenanças se bateram melhor que as tropas de linha.

É hoje um pouco difícil de compreender a eficácia dessas guerrilhas, a que Silveira queria dar organização, de tal forma são dessemelhantes as condições da guerra.

Nos princípios do século XIX, eram más e poucas as estradas militares, e equivaliam-se em precisão, rapidez e alcance as armas de guerra e de caça. Outro elemento favorecia os irregulares, mas punha limites à sua eficiência. A verdadeira arma dos guerrilheiros era o terreno, e, por isso, a sua acção nunca podia perder certo carácter local.

Essa esquecida jóia literária que é a «Caçada do Malhado» lá nos diz nas recordações dum velho que, em criança, andou à caça dos inimigos: «Os três franceses tinham tido toda a noite para fugir; mas aqui na serra, quem não é prático, já mais de noite, não avança caminho. Pode um homem andar uma noite toda, e de manhã achar-se no mesmo sítio».

Ligeireza, combatividade, persistência, deste conjunto de factores surgiu realmente a solução da guerra. É um erro supor — como se tem repetido, indo atrás dos escritores franceses empenhados em justificar a derrota — é um erro supor que foram as rivalidades pessoais dos generais invasores a causa essencial da sua descoordenação de movimentos, porque ela resultou sobretudo da impossibilidade de combater eficazmente aquelas fugidias e inatingíveis partidas, que se dispersavam quando eram batidas, e logo tornavam a reunir-se para novo ataque, e que conseguiam viver nas regiões devastadas em que as tropas regulares morriam de fome.

Essa esmagadora situação de guerra ubíqua e multiforme foi a origem da vitória, obra das guerrilhas, mais que dos exércitos regulares.

Wellington aprendeu a conhecer-lhes a eficiência, através de exemplos, como o do general Foy que, em 1810, sai de Santarém com as informações de Massena e uma escolta de três mil homens, e chega à fronteira francesa com menos de metade e depois de ter sido obrigado a abandonar parte da correspondência.

E, embora o não confessasse, devem tê-lo impressionado sobretudo factos como aqueles que, nas vésperas da batalha de Vitória lhe deram o triunfo, impedindo pela acção das guerrilhas, a reunião de Clausel e Jourdan ou que, logo depois da retirada em desordem que se seguiu à batalha do Buçaco, interromperam as comunicações francesas.

É impossível também não ter visto que depois de desaparecerem da campanha os exércitos espanhóis, só a acção das guerrilhas pôde impedir os franceses, que eram cerca de 400.000 de esmagar os seus 70.000 homens.

Deve ter sido assim que o homem ao princípio desdenhoso do entusiasmo «que não sabia o que era, mas sabia não produzir armamentos, nem fardamentos nem disciplina, nem nada» veio a compreender e avaliar com justiça, a atitude de um povo que instintivamente defendia a sua tradição de séculos.

Lembrar-se-ia mais tarde do que ela significava, quando se opôs à intervenção da Inglaterra na política portuguesa, talvez antevendo as consequências de uma imposição estrangeira contra a vontade nacional.

Na frase de nosso falecido amigo o Professor Edgar Prestage — e ao dizer nosso, não nos referimos apenas a recordações pessoais, mas a um dever de gratidão dos portugueses — na frase de Prestage, é dificilmente justificável a interferência de Palmerston, através da Quádrupla Aliança, na política interna de Portugal, assim conduzindo a um perene estado de desassossego e revolução.

Não consentiu Wellington nessa interferência, nem nela teria certamente consentido, a manter-se no governo, e é bem provável que a sua opposição reflectisse ainda a lembrança que trazia dos seus portugueses, aqueles que desejava em Viena, ao saber da volta de Napoleão da ilha de Elba à França.

Pensaria que, como o seu inimigo dissera da Espanha, Portugal ia portar-se como um homem de honra, e contra os políticos hábeis, os factos provaram que se não enganava o homem de pensamento recto.